

Ajuda aos bons alunos do FMI

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — No momento em que o Brasil suspende efetivamente a moratória de sua dívida privada, determinando o pagamento dos juros de sua dívida externa, conforme ficou estabelecido pelo acordo provisório assinado com os bancos, os chamados bons alunos do FMI começam a colher os primeiros frutos de uma política de maior flexibilidade dos credores. Os meios financeiros europeus citam não apenas a liberação de mais US\$ 500 milhões de créditos para a Argentina, mas também a decisão do FMI de reforçar os meios de ajuda aos países mais pobres, com a criação de um fundo suplementar de US\$ 8,4 bilhões, medida que beneficiará quase que exclusivamente os países endividados da África.

Esse novo instrumento, denominado "facilidade de ajustamento estrutural reforçado" está na linha das decisões dos sete países mais industrializados que estiveram reunidos em Veneza, tendo sido possível pelos esforços do diretor geral do FMI, Michel Camdessus. Um grande número de países contribui para esse fundo, exceção dos EUA, alegando razões orçamentárias. Sabe-se que a França, um dos países mais interessados

no continente africano vai participar desse fundo, com cerca de US\$ 840 milhões, ao qual terão acesso 62 países. As condições financeiras são semelhantes à facilidade de ajustamento estrutural criada em 1986.

PLANO NORTE-AMERICANO

Nessa mesma linha de boas notícias de fim de ano, os meios financeiros franceses comentavam, ontem, o plano proposto pelos EUA em favor do México, definido como uma iniciativa original que poderá permitir solucionar, parcialmente, o problema da dívida dos países em via de desenvolvimento. Esse plano vai permitir ao México, segundo devedor mundial, subscrever bônus do Tesouro reembolsáveis no final de 20 anos, e, em seguida, propor em troca aos bancos uma parte de seus créditos contra obrigações garantidas por esses bônus. Essa troca será feita no valor do mercado paralelo, o que representaria um desconto desses créditos de aproximadamente 50%.

Esse plano não apenas vai aliviar o peso da dívida desse país, mas contribuirá, também, para convencer os bancos comerciais a consentir novos créditos aos países em desenvolvimento. A idéia básica desse plano é interessante; segundo áreas bancá-

rias européias, pois abre aos bancos credores no México (um total de US\$ 78 bilhões) a possibilidade de trocar seus créditos por obrigações mexicanas garantidas pelo Tesouro dos Estados Unidos. O complexo dispositivo elaborado pelas autoridades governamentais com assessoria do Morgan Guaranty Trust prevê que a oferta será efetuada já no primeiro trimestre de 1988.

RETICÊNCIAS FRANCESAS

Mesmo sendo considerado original, o conjunto dos bancos franceses vê com certas reticências esse plano, pois não gostaria de assistir à oficialização de um sistema de cotação oficial aplicado pelo mercado paralelo e que no caso do México é de apenas 52% do valor inicial dos créditos. Segundo essas áreas financeiras francesas esse seria um mau exemplo para os devedores do Terceiro Mundo que vão se sentir encorajados nessa direção. O teste com o México e sua praticabilidade vai definir se tal plano poderá ser extensivo a outros países endividados. Outros Estados, entre eles o Brasil, poderão seguir o mesmo caminho, não apenas através do Tesouro norte-americano, mas também dos tesouros de outros países europeus e do próprio Japão.